

## VICO E HORKHEIMER: a idéia de barbárie

*Humberto Aparecido de Oliveira Guido\**

**RESUMO:** Este artigo apresenta a proximidade conceitual entre Vico e Horkheimer nas suas críticas à Modernidade. A ênfase maior é dada à filosofia de Vico, pois encontramos nos primeiros escritos de Horkheimer a influência do pensamento filosófico de Vico. A crítica à Modernidade é feita através da retomada do conceito de barbárie no âmbito da filosofia da história, contrapondo-o ao conceito de esclarecimento do século das luzes.

**ABSTRACT:** This paper shows how close Vico and Horkheimer are to each other concerning their common critique of modernity. Focus is given on the philosophy of Vico, whose influence is to be found in the early writings of Horkheimer. Modernity is then criticized by retaking the concept of Barbarism, which, in the sphere of philosophy, is opposed to the concept of Enlightenment, as understood during the XVIII century.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vico, G.; Horkheimer, M.; Modernidade; História da Filosofia Moderna.

A abordagem filosófica do conceito de barbárie tem obrigatoriamente de adentrar os textos filosóficos de G. Vico (1668-1744) e M. Horkheimer (1895-1973). As considerações ao tema, feitas pelos dois filósofos - respeitando-se os quase dois séculos que separam

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

as suas produções filosóficas - possuem muitos elementos comuns.

Nosso propósito é o de apresentar uma aproximação possível entre Vico e Horkheimer. Deixamos claro, portanto, que não existe da nossa parte a pretensão de generalizar a influência de Vico sobre os desdobramentos da teoria crítica de Horkheimer.

Por tratar-se de filósofos de períodos distintos, partimos da afirmação de que Horkheimer deixou-se influenciar pela obra de Vico, podendo ser encontrada nos escritos do filósofo frankfurtiano a influência viquiana, em particular nas formulações a respeito da barbárie e do conceito de esclarecimento.

Para podermos demonstrar esta afirmação preliminar, estaremos limitando nossa investigação aos primeiros trabalhos de Horkheimer, a saber, a sua tese de habilitação para a cátedra de Filosofia Social do Instituto de Investigação Social de Frankfurt, intitulada **As origens da filosofia burguesa da história**, publicada em livro um ano depois, em 1930. O outro trabalho fundamental para o nosso propósito é a **Dialética do esclarecimento**, publicada pela primeira vez em 1947.

No livro **Dialética do esclarecimento**, interessa-nos o prefácio e o primeiro capítulo, "O conceito de esclarecimento". Apesar de ter sido escrito em parceria com T. Adorno (1903-1969), no livro de 1947 pode ser identificado aquilo que foi escrito por Horkheimer e aquilo que foi escrito por Adorno. Seguramente o primeiro ensaio "Conceito de Esclarecimento" foi escrito por Horkheimer.

Ao limitarmos a nossa análise aos textos acima, estaremos, por conseguinte, limitando a influência de Vico sobre Horkheimer a um momento específico, o período compreendido pelo final da década de vinte e que vai até o início da década de quarenta do nosso século. Assim procedendo, tornamos claro que não existe da nossa parte a pretensão de estender a possível influência de Vico nas páginas da **Dialética do esclarecimento** até os textos de Adorno.

Para a nossa exposição adotaremos o seguinte procedimento: inicialmente apresentaremos a vinculação existente entre Horkheimer e Vico através da documentação disponível a respeito do conhecimento

manifesto por Horkheimer sobre as obras de Vico. Em um segundo momento, destacaremos algumas passagens na **Dialética do Esclarecimento** que podem ser desdobramentos do pensamento filosófico de Vico, em especial a idéia de barbárie e a nova interpretação do mito.

A primeira prova documental sobre a vinculação intelectual entre os dois filósofos em questão, pode ser encontrada de maneira direta no livro de Horkheimer mencionado anteriormente, **Origens da Filosofia Burguesa da História (Anfänge der Bürgerlichen Geschichtsphilosophie)**. Na apresentação feita pelo autor encontramos o seguinte propósito:

*Esta obra é um conjunto de estudos, escritos no intuito de uma melhor auto-compreensão. Não ambiciona portanto conseguir novos contributos filosóficos para a investigação. (...) Há porém grande mérito na publicação deste trabalho. Embora não se desenvolva o ponto de vista filosófico-histórico do autor na sua totalidade, expõem-se e discutem-se, contudo, em conseqüência do objetivo originalmente proposto, os problemas nos seus traços mais gerais em função do presente. (1984:13)*

Ainda no Prefácio, estão presentes as primeiras observações sobre o pensamento de Vico em relação a Maquiavel e Hobbes, autores também abordados neste livro. De acordo com Horkheimer, a história para Maquiavel lhe interessava na medida em que fornecia exemplos para fundamentar as medidas políticas necessárias; Hobbes, por sua vez “ignorava magistralmente os dados reais na sua construção do contrato social” (1986:94). Vico “foi o primeiro verdadeiro filósofo da história da modernidade”, tendo a sua obra uma importância que extrapola os primeiros momentos da modernidade, uma vez que ela antecipa vários temas da reflexão filosófica do século XX:

*Vico adotou para tema principal da sua “Nova Ciência” a necessária dependência das esferas culturais em relação ao*

*processo de desenvolvimento da humanidade. E o seu mais importante contributo é a maneira como considera a mitologia o espelho das relações políticas. Atualmente sente-se uma renovação do interesse filosófico pela mitologia, não apenas no sentido de uma forma de consciência ideológica, mas, também, com igual impacto, na procura da essência do pensamento primitivo. (1984:14)*

Com essas palavras, Horkheimer foi capaz de fazer uma avaliação muito acertada sobre a obra de Vico, mais objetiva do que até então havia sido a influência de Vico sobre a cultura filosófica alemã dos finais do século XVIII, que assimilaram Vico como sendo um filósofo da imaginação por ter dado maior atenção aos tempos obscuros do que para a idade da razão. O Romantismo alemão, por não ter percebido o propósito dos estudos de mitologia, acabou por fazer de Vico um filósofo irracionalista.

A interpretação de Horkheimer foi capaz de conferir o sentido mais original do pensamento de Vico e o lugar ocupado pelo mito nas reflexões sobre o nascimento da razão vinculado aos princípios da sociedade civil. De acordo com Martin Jay (1974:96), esta foi uma das razões que fizeram de Vico um dos primeiros heróis intelectuais de Horkheimer, pela sua insistência sobre a importância da história, concebida na perspectiva de uma ciência social. Nas palavras de Jay,

*Vico havia compreendido que praxis e dominação da natureza não eram o mesmo. Ainda que tenha separado o homem e a natureza, o fez de uma maneira que impedia colocar um deles sobre o outro. Ao insistir sobre a subjetividade do homem, preservava a potencialidade da subjetividade da natureza. (1974:416)*

O interesse por Vico e a proximidade com a temática da **Ciência Nova**<sup>1</sup>, estão mais presentes nos escritos da década de 30. Além da tese de habilitação, podemos notar uma afinidade de idéias entre os dois filósofos em três textos elencados na obra **Teoria Crítica**, a saber: “Observações sobre ciência e crise”, “Da discussão do Racionalismo na Filosofia Contemporânea” e “Sobre o problema da verdade”. Nos escritos posteriores de Horkheimer não encontramos mais a influência de Vico, no entanto, ficou como um legado para os escritos futuros a crítica da Ilustração formulada pelo filósofo italiano.

Nos trabalhos que se seguiram ao livro de 1930, de fato encontramos poucas referências à Vico. A **Dialética do Esclarecimento** foi publicada 17 anos mais tarde. Porém, nesta obra ainda encontramos, de maneira dissimulada, a presença de Vico precisamente na crítica à ilustração. Logo no prefácio, Adorno e Horkheimer manifestam o propósito originário do trabalho. O problema é formulado em termos muito próximos ao pensamento de Vico: “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (1985:11).

Este é o ponto de partida de nossa reflexão e através deste argumento tentaremos fazer a aproximação possível entre os dois filósofos, de épocas distintas, mas ambos muito empenhados na crítica à Ilustração.

Encontramos nas edições brasileiras, em face à fecundidade da palavra alemã *Aufklärung*, duas traduções distintas para o título do texto de Adorno e Horkheimer. Pela coleção “Os Pensadores”, *Aufklärung* foi traduzido por *Iluminismo*, ao passo que na edição publicada pela Editora Jorge Zahar Editor, a palavra alemã é traduzida como sendo *Esclarecimento*.

---

<sup>1</sup> Este é o principal trabalho escrito por Vico, a primeira edição da **Ciência Nova** foi publicada em Nápoles no ano de 1725, essa edição tem importância histórica, ao passo que a edição utilizada por aqueles que se dedicam ao estudo da obra viquiana é o texto da terceira edição publicado em 1744.

A primeira vista, não há conflito no uso de *iluminismo* ou *esclarecimento*. Parece que ambas referem-se a determinado momento histórico da filosofia, muito próximo de nós, que foi o século das luzes. A palavra *iluminismo* adequa-se muito bem como sinônimo de século das luzes, no entanto, não podemos tomar a palavra *esclarecimento* como sendo tão somente outra terminologia para a época da ilustração.

Esclarecimento possui um sentido transtemporal que não se aplica exclusivamente ao século das luzes. O esclarecimento está situado nos momentos de superação cultural, ao nível da história, e, de superação intelectual, ao nível do indivíduo.

Na nota preliminar à sua tradução portuguesa da **Dialética do Esclarecimento**, Guido Antonio de Almeida justificou o emprego de Esclarecimento recorrendo a Kant, como também o fizeram Adorno e Horkheimer no Excurso II - "Juliette ou Esclarecimento e Moral", a saber, o "esclarecimento é o momento de emancipação do entendimento"<sup>2</sup>.

Da nossa parte, procuramos desde o início da nossa investigação trabalhar com a idéia de esclarecimento, e o fazemos na perspectiva da aproximação conceitual entre Vico e Horkheimer. No entanto, é oportuno lembrar que Adorno e Horkheimer utilizam o conceito de esclarecimento a partir de Kant, ao passo que em Vico não encontramos este conceito. Vico utilizou uma terminologia mais histórica, denominada de idade dos homens para significar os momentos históricos de esplendor da razão humana. Apesar de haver uma sintonia entre a definição dada por Kant ao esclarecimento e a caracterização da idade dos homens feita por Vico, a posição deste último possui alguns elementos que não estão em sintonia com o pensamento do século das luzes.

Contudo, é importante notar que os dois filósofos do século XVIII - Vico e Kant - referiam-se a determinados momentos em que a razão encontra-se em um estágio muito desenvolvido, caracterizado pela autonomia do intelecto em relação a diversas esferas da vida social. Kant deixou em aberto a recorrência do esclarecimento, por não estar

---

<sup>2</sup> KANT, I. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974. Citado por Guido Antonio de Almeida (1986:8).

preocupado em aprofundar a reflexão histórica, fixando-se na idéia de maioridade do entendimento.

Vico, por sua vez, insistiu nas evidências históricas para demonstrar não somente os momentos de maioridade do entendimento, como também, na mesma medida, os momentos de queda do entendimento humano, caracterizados como situações típicas de barbárie<sup>3</sup>, que não se configuram como o fim da história, nem mesmo a degeneração total do intelecto, mas o refazer da história e o renascer do intelecto.

Como dissemos, Vico não utilizou a palavra esclarecimento em seus livros para se referir ao contexto cultural em que vivia. Para ele, o seu tempo podia ser comparado ao apogeu da cultura do mundo antigo, em face das grandes conquistas alcançadas a partir do Renascimento, entre elas a invenção da imprensa e os progressos da ciência experimental e da arte médica.

Os tempos de Vico eram dominados pela idéia de razão como sendo luz natural e que tudo poderia ser explicado por ela, vivia-se a crença no método que a tudo poderia reduzir à forma de raciocínios matemáticos. No contexto da cultura da época, existia uma polarização muito grande e explicitada pelas disputas entre os antigos e os modernos, também denominada de querela entre os conservadores e os inovadores, aqueles eram os ferrenhos defensores da tradição católica e humanista, estes eram os adeptos da nova ciência experimental e do racionalismo cartesiano na ciência (GUIDO, 1997).

O próprio Vico tinha consciência de participar daquele movimento da filosofia e da história. No entanto, ele não assumiu uma postura favorável a este ou aquele grupo, sempre ponderou as grandes contribuições legadas pela tradição humanista clássica, não esquecendo

---

<sup>3</sup> Na sua teoria cíclica da história, Vico considerou como tempos bárbaros não somente os tempos obscuros como também a idade média. Para ele, a história não se repete, portanto fica garantido o progresso da humanidade, um progresso muito diferente da concepção dos iluministas, pois, na concepção viquiana o progresso comporta também os momentos de queda. Portanto ao afirmar que a idade média foi uma nova forma de barbárie, ele não nega os progressos anteriores, mas afirma que a humanidade passa a cultivar valores típicos da barbárie, como por exemplo, isolamento do indivíduo, vida agrária, profundo temor religioso, poder político nas mãos dos nobres, entre outros.

das limitações dos antigos em matéria de ciência e de avanços tecnológicos. Em relação aos modernos, era profundo admirador das vantagens proporcionadas pelas novas invenções e pelos progressos das ciências, no entanto, era um crítico do otimismo incondicionado nas potencialidades inatas da razão e, também, do descaso dos seus contemporâneos com relação ao cultivo das humanidades.

Desde o seu primeiro trabalho publicado em 1709<sup>4</sup>, Vico manifestava o seu temor em relação à cultura do seu tempo, sua crítica fundamental era quanto à aridez do modelo de racionalidade proposto por Descartes e que passou a influenciar a maneira de pensar, tanto daquela época como dos séculos seguintes. Para Vico a refutação de tudo que não fosse claro e distinto, acabava colocando para fora da reflexão humana todas as criações do espírito que não possuísem certeza matemática, como era o caso do estudo das línguas, da história, da retórica, da poesia, entre outras, que segundo Vico eram também formas de saber do espírito humano:

*O ataque de Vico à metafísica cartesiana e à crescente idolatria das matemáticas o isolava de seus contemporâneos. (...) Vico havia também transcendido as limitações da interpretação da ilustração sobre as origens dos mitos, que ele via menos como estratégias sacerdotais do que a projeção das necessidades humanas sobre a natureza. (JAY, 1974:416)*

A formação do homem moderno, pautada pelo cartesianismo, poderia acarretar o embrutecimento do homem e não a sua plena emancipação, porque o novo modelo de educação não respeitava a sucessão das várias idades do indivíduo, simplesmente abolia a imaginação no momento em que ela era mais vigorosa, ou seja, durante a adolescência. Para Vico, a imaginação está ligada a capacidade criativa dos indivíduos,

<sup>4</sup> Trata-se, originariamente, de uma aula inaugural proferida por Vico na Universidade de Nápoles no ano anterior, cujo título era *De nostri temporum studiorum ratione*, podendo ser traduzida como "O método dos estudos do nosso tempo".

ela favorece o engenho e floresce durante os primeiros anos, enfraquecendo-se nas idades maduras. Para Vico, uma formação que não respeita a peculiaridade de cada idade pode provocar o embrutecimento da razão, tornando os indivíduos, a partir da juventude, pessoas críticas, no entanto, sem nenhuma criatividade.

Em “Vico e a Mitologia”<sup>5</sup>, Horkheimer sublinhava essa característica fundante da cultura moderna, na qual o sujeito deve ser compreendido na perspectiva da reflexão abstrata da razão, pois essa e apenas essa é a verdadeira essência do aparelho de pensamento. Para Horkheimer, Vico estava inserido nessa perspectiva do pensamento, porém, ele não admitia que o pensamento matemático fosse a única e autêntica expressão da essência do homem. Pois, a essência do homem, segundo o racionalismo do século XVII, constitui o seu isolamento em relação ao mundo social e Vico colocou-se contrário a tal orientação.

De acordo com Horkheimer, a máxima dos modernos, de que “reconhecemos inteiramente aquilo que fizemos nós próprios”, foi tomada de maneira totalmente diferente por Vico. O princípio do “conhecimento exclusivo do realizado por si” é a base da filosofia viquiana:

*Aquilo que os homens criaram eles próprios e aquilo que deve por isso ser o objeto mais nobre do conhecimento - aquelas criações em que a substância da natureza humana e do “espírito” se manifestam de modo mais evidente - não são as construções fictícias da razão matemática, mas a realidade histórica. (1984:93)*

A natureza humana era definida por Vico como a sociabilidade do homem e estava diretamente vinculada à razão. A história da humanidade oferece as provas necessárias para a compreensão de tal afirmação, pois, em seus primórdios, a sociedade civil e o Estado são instituídos através da desigualdade social. A trajetória da humanidade

---

<sup>5</sup> Trata-se do quarto capítulo da tese de habilitação de Horkheimer, anteriormente mencionada, publicada em 1930, sob o título de **Origens da filosofia burguesa da história**.

está em sintonia com o progresso do espírito, que arrasta o homem para a realização de sua natureza humana, que implica na igualdade social e na plenitude da razão. Toda vez que essas duas marcas exteriores da natureza humana forem negadas, a humanidade e o indivíduo entram em situações de barbárie.

A crítica à abstração como única faculdade responsável pela formulação da verdade, foi também abordada nas páginas iniciais do "Conceito de Esclarecimento". É consequência da abstração, entendida como único instrumento seguro do esclarecimento, o distanciamento entre o sujeito e o objeto, para que a dominação da natureza pudesse ser estabelecida. As diversas formas de dominação decorrentes do desencantamento da natureza, colocam em risco o equilíbrio do esclarecimento, porque, ao dominar a natureza interior, o homem moderno acaba por inserir-se no processo de coisificação característico da sociedade capitalista.

De maneira um pouco diversa, Vico adotou a leitura do mito como expressão fabulosa da história dos tempos obscuros. Para o filósofo do século XVIII, o mito é construído pelas sensações desproporcionais e pela imensidão da fantasia dos primeiros homens - os autores das nações gentias. Estes homens, por não serem ainda capazes de entender a verdadeira natureza humana, foram levados pela imaginação a julgarem-se superiores aos demais, forjando para si próprios as fábulas dos deuses e dos heróis, que nos revelam a dominação social dos nobres sobre os fâmulos.

Era ainda muito comum ao tempo de Vico a crença humanista da idade do ouro. Vico afirmava que não existiu, nos tempos obscuros, uma nação de filósofos, capaz de formular um pacto para o estabelecimento da sociedade civil e do Estado. Essas conquistas são tardias, não podendo ser encontradas na barbárie primitiva, no momento denominado de idade dos deuses. Portanto, todo princípio - seja da razão seja da sociedade civil, - é rude, pequeno e obscuro, mas pode ser conhecido pelas transformações da mente humana:

*Mas, em tal densa noite de trevas que cobre a primeira de nós muito remota antigüidade, aparece esta luz eterna que não se esconde, desta verdade, a qual ninguém pode colocar em dúvida: que este mundo civil foi certamente feito pelos homens, onde se podem, porque se devem, encontrar os princípios nas modificações de nossa mente humana. (1774:231-232).*

A dominação social é a característica do nascimento da sociedade civil, e por essa razão Vico afirmava que os homens sempre viveram toleravelmente em sociedade. O filósofo surge com a cidade, ele pode ser capaz de contribuir com a promoção da igualdade social, desde que conheça a origem dos conceitos que utiliza com a pretensão de validade universal. Para isso, é necessário que o filósofo certifique a verdade dos seus conceitos com o “certo” dos legisladores. A esse respeito, encontramos duas passagens de Horkheimer sobre a exigência da realidade permear a construção filosófica. No “Conceito de Esclarecimento”, este raciocínio é assim formulado:

*Os conceitos filosóficos, nos quais Platão e Aristóteles expõem o mundo, exigiram, com sua pretensão de validade universal, as relações por eles fundamentadas com a verdadeira e efetiva realidade. Esses conceitos provêm, como diz Vico, da praça do mercado de Atenas. Eles refletem com a mesma pureza das leis da física a igualdade dos cidadãos plenos e a inferioridade das mulheres, das crianças e dos escravos (1985:35)<sup>6</sup>.*

---

<sup>6</sup> A título de ilustração, no livro **Origens da filosofia burguesa da história**, Horkheimer assim se expressava: “Vico não encarou apenas a mitologia como reflexo das condições sociais, como também a metafísica é para ele objeto de relação (sic) com a realidade histórica. O conceito genérico inteligível de Sócrates e as idéias de Platão originam-se, segundo ele, na observação da legislação pelos cidadãos atenienses, que se uniram numa mesma idéia de vantagens justamente distribuídas, comuns a todos. E por ocasião da discussão do novo conceito de justiça de Aristóteles, explica Vico textualmente ‘que tais princípios da metafísica, da lógica e da moral se originaram na praça do mercado de Atenas’”. (1984:103).

A mentalidade moderna, logo nos seus inícios, pretendia abolir a antiga formação do homem, passando a instituir em seu lugar, um modelo pautado pelas ciências naturais, muito distante de todas as disciplinas da tradição humanista. A idéia moderna de formação do homem, não levava em conta aquilo que é peculiar a cada idade, não respeitava as faculdades da mente humana que florescem mais durante uma idade e menos em outras. De acordo com Vico, o desprezo pela imaginação e pelas *studia humanitatis* impediriam o pleno desenvolvimento do engenho e da memória, fundamentais para o desenvolvimento ulterior das idéias abstratas. Qualquer forma de educação que não leve em conta as peculiaridades da mente humana em suas diversas idades, acaba por fazer violência ao sujeito, impedindo-o de conhecer a verdadeira história da realização da igualdade social:

*Em confirmação de tudo isto que havíamos dito destas duas línguas [a língua grega e a língua francesa], acrescentamos a observação que todavia se pode fazer dos jovens, os quais na idade em que é robusta a memória, vívida a fantasia e fogoso o engenho - que exercitariam proveitosamente com o estudo das línguas e da geometria linear, sem domar com tais exercícios a agudeza das mentes adquirida pelo corpo, que se poderia chamar de barbárie dos intelectos -, passando ainda crus para os estudos muito sutilizados de crítica metafísica e de álgebra, tornando-se por toda vida afiadíssimos na sua maneira de pensar e incapazes para todo grande trabalho. (1744: 183-184)*

O risco da barbárie existia para Vico toda vez que os três momentos singulares da vida do intelecto deixassem de ser respeitados, pois a história da humanidade nos ensina que a razão humana passa necessariamente por três momentos: o primeiro marcado pela sensação, o segundo pela imaginação e o terceiro pelas idéias abstratas. A manutenção do esclarecimento - para Vico a idade dos homens - só estará

assegurada na medida em que a natureza humana for respeitada em sua integridade.

A participação de Vico no projeto da Modernidade foi inquieta, pois temia os riscos e as conseqüências do esgotamento da cultura do seu tempo, a decadência do pensamento, o risco de uma nova barbárie. A queda do homem foi uma constante no pensamento viquiano, por essa razão ele concebeu a história da humanidade como sendo uma sucessão de cursos e recursos, marcada pelo momento original da barbárie, não somente como o estado de guerra<sup>7</sup>, mas fundamentalmente como sendo o desabrochar da razão, decorrente da autoridade solitária dos primeiros homens, que dominados pelo temor das forças naturais, fizeram surgir as divindades, criadas pelos próprios homens primitivos, que pela debilidade da mente humana, creram eles próprios serem de fato divindades.

As construções mitológicas são próprias das duas primeiras idades da humanidade - a idade dos deuses e a idade dos heróis - que corresponderam à primeira barbárie da humanidade. Os tempos obscuros foram marcados pela subordinação do homem à natureza, que na verdade correspondia a uma subordinação do homem a sua própria natureza. Levando-se em conta que Vico entendia a natureza humana como sendo sociável e racional, e, portanto, uma construção histórica, os homens primitivos, por ainda não disporem de todas as comodidades proporcionadas pela razão, tiveram que se educar com o temor das divindades por eles criadas.

Em Vico, o mito e a linguagem poética são sinônimos, pois a linguagem nesse período era composta por metáforas, definidas por ele como pequenas fábulas que expressavam a verdade desses primeiros homens, não se tratava ainda de uma verdade filosófica, mas da verdade histórica dos primeiros povos da terra.

Com a revalorização do mito, Vico não só criou condições para uma nova abordagem dos tempos obscuros, como também, e isso é o

---

<sup>7</sup> É oportuno registrar que, ao contrário de Hobbes, para Vico o estado de guerra é o conflito do próprio indivíduo que pelo embrutecimento da razão faz de si uma autoridade solitária e, conseqüentemente, o estado de guerra é a guerra contra si mesmo.

mais importante, formulou pela primeira vez uma filosofia do espírito voltada para a contingência histórica, investigando os progressos do entendimento humano em sua imanência no devir constante da história dos homens.

Vico sustentou a sua filosofia do espírito sobre a teoria do *verum-factum*, segundo a qual o critério da verdade é tê-la feito, ou seja, o verdadeiro e o feito se convertem em uma realidade histórica, disso decorre que a racionalidade é uma construção histórica, forjada pelos indivíduos.

A formulação definitiva da gnosiologia viquiana colocou o seu autor para fora dos horizontes do século das luzes, pois Vico havia rompido com a ordem natural enquanto a medida do homem, sustentando a sua escolha em um argumento que soava de forma conservadora aos ouvidos do homem moderno. Eis o argumento de Vico: conhecemos verdadeiramente aquilo que fazemos; sendo que Deus criou o mundo natural somente ele pode conhecer a sua essência, a maneira como este mundo natural foi feito. Ao passo que o homem é o criador do mundo civil das nações, portanto a história é a verdade do homem, que lhe é dada conhecer, pelo fato de que ele possui em si os princípios que deram origem à sociedade civil.

Não cabe neste momento especular se a posição assumida por Vico tenha sido conservadora ou uma profissão de fé<sup>8</sup>, o certo é que os desdobramentos da sua opção pelo estudo do homem proporcionou o início de um novo momento para a filosofia moderna, sendo ao mesmo tempo o acabamento do projeto da Modernidade, ao ter elevado o estudo das manifestações objetivas do espírito humano à esfera da ciência moderna, contribuindo dessa forma, muito antes de Comte e de maneira totalmente diversa, para o nascimento das ciências sociais.

---

<sup>8</sup> A respeito do conservadorismo de Vico é muito instrutiva a declaração de Antonio Risério em seu artigo "A via Vico" publicado na **Revista da USP** dedicada à nova história: "Há também quem julgue que ele - à maneira de, ironicamente, Descartes - mascarou suas teses revolucionárias, envolvendo-as numa capa de conservadorismo, por motivos puramente pragmáticos. Não era coisa incomum na época - e fogueiras ardião a uma distância bem próxima." (p. 35)

Portanto, a razão para Vico não é uma luz natural e sim uma construção social que se dá a partir do desenvolvimento da mente humana, desde o momento em que os homens começaram humanamente a pensar. Os começos, como já nos referimos anteriormente, foram pequenos, rudes e obscuros, marcados pela força das sensações como a faculdade mais aguda, e, posteriormente, a mente humana passa a ter na imaginação a sua expressão através dos universais fantásticos. Finalmente, os homens são capazes de refletir sobre as coisas, reduzindo os efeitos a causas bem simples, neste momento a razão atinge o seu estágio máximo. Nas palavras de Vico

*Os homens primeiro sentem sem se advertir, depois percebem com ânimo perturbado e comovido, finalmente refletem com a mente pura.*

*Esta dignidade é o princípio das sentenças poéticas, que são formadas com sentidos de paixões e de afetos, diferente das sentenças filosóficas que se formam pela reflexão com raciocínios; onde estas mais se aproximam do verdadeiro quanto mais se lançam aos universais, e aquelas são mais certas quanto mais se apropriam dos particulares. (Ciência Nova - Livro I - dos elementos, p.199/200)*

A descrição das transformações da mente humana aponta para uma relação direta e unívoca entre a barbárie primitiva e a infância. Para Vico a barbárie foi a infância da humanidade, ao passo que a infância do indivíduo é a barbárie do intelecto.

Neste ponto retornamos ao argumento inicial, extraído do prefácio da **Dialética do Esclarecimento**, relacionando-o à referência feita a Kant por Adorno e Horkheimer no Excerto II - “Juliette ou Esclarecimento e Moral”, de que o esclarecimento é a emancipação do entendimento, momento no qual a nossa vontade não é mais dirigida pelos outros.

No texto da **Ciência Nova**, a razão atinge o seu desenvolvimento pleno na idade dos homens, o momento da maioridade do intelecto. Porém, Vico dedicou-se a estudar a menoridade do entendimento, para descobrir

as leis que regem o progresso do espírito e o papel que os sentidos e a imaginação desempenham para a consolidação da maioria do entendimento.

A menoridade do entendimento foi para Vico a idade do mito. Esse foi o momento em que ele deteve-se longamente, dedicando quase que exclusivamente as páginas da **Ciência Nova** ao estudo da sabedoria poética, cujo objeto de análise foram os poemas homéricos. O estudo do mito através da abordagem dos poemas homéricos é, sem dúvida, outro traço comum entre Vico e os filósofos frankfurtianos da **Dialética do esclarecimento**. É necessário reforçar o contexto em que cada filósofo formulou suas críticas à Modernidade, para destacar as peculiaridades desses pensadores: Vico situava-se no momento de conformação da Modernidade, ele já notava, no início do século XVIII, sinais de esgotamento da cultura moderna; Horkheimer, por sua vez, viveu o “eclipse da razão”, teve a oportunidade de constatar a crise do paradigma moderno através do totalitarismo.

No livro terceiro da **Ciência Nova**, intitulado “A descoberta do verdadeiro Homero”, Vico refletiu sobre a importância do personagem Homero. Para Vico, a questão que se deve colocar não é se Homero havia existido ou não, o que importa é saber, de início, a autoria dos poemas homéricos, investigando a partir das fontes escritas - uma elaboração tardia - a verdade histórica dos tempos obscuros em que foram criadas e preservadas pela tradição oral as fábulas que, mais tarde, seriam reunidas nos dois poemas de Homero. Nas palavras de Vico: “Os falares vulgares devem ser o testemunho mais grave dos antigos costumes dos povos, que se celebraram no tempo em que esses formaram as línguas” (1744:181).

O mito traz consigo uma uniformidade de idéias sentidas por todo um povo, que permite a sua permanência enquanto expressão dos usos e costumes primitivos. Vico justificou essa peculiaridade do mito da seguinte maneira:

*Os primeiros povos da gentildade, por uma demonstrada necessidade de natureza, foram poetas, e falaram por*

*caracteres poéticos; esta descoberta, que é a chave mestra desta Ciência, nos custou a busca obstinada de quase toda a nossa vida literária, porque tal natureza poética de tais primeiros homens, para a nossa natureza civilizadíssima, é de fato impossível imaginar e com grande esforço nos é permitido entender. Tais caracteres se mostram terem sido certos gêneros fantásticos (ou imagens, ou substâncias animadas ou de deuses ou de heróis, formadas pela fantasia dos homens), os quais reduziam todas as espécies ou todos os particulares a gêneros aparentes. (...) Então, assim feitos caracteres divinos ou heróicos se descobre terem sido as fábulas, ou falares verdadeiros; e se descobre que as alegorias contêm sentidos não análogos mas unívocos, não filosóficos, mas históricos de tais tempos dos povos da Grécia. (1744:114/115)*

Para finalizarmos, apresentamos outra passagem da **Ciência Nova** que pode ser identificada, mais tarde, no “Conceito de Esclarecimento”. Vico dizia que na Grécia Antiga, os filósofos aceleraram o curso natural das coisas, por terem surgido ainda durante a barbárie, fazendo a cultura grega passar imediatamente da barbárie para a suma delicadeza das idéias abstratas, mas conservaram as suas histórias fabulosas, tanto divinas como heróicas (1744:182).

A conservação do mito pelo pensamento esclarecido dos filósofos faz do próprio esclarecimento o mito moderno, pelo fato de se acreditar nele como outrora se acreditava nas forças da natureza ou na superioridade dos heróis. A crença no pensamento como sendo uma potência superior e alheia à história faz o homem desconhecer a gênese do seu pensamento e, por essa razão, as forças míticas não são apaziguadas pelo entendimento, permanecendo subjugadas pelo próprio pensamento.

No “Conceito de esclarecimento”, encontramos as considerações sobre a relação homem-natureza, sendo que no mito essa relação era de certa forma de subordinação do homem à natureza, uma subordinação

aparente, pois tratava-se da transferência das qualidades humanas para a natureza exterior, vista como um corpo animado. De acordo com Horkheimer, em sua tese de habilitação:

*Vico apresentou os primórdios da civilização num plano grandioso. Do medo dos elementos, personificados na medida em que o homem primitivo projeta o seu próprio ser no universo, surgem os primeiros mecanismos e tradições. (...) A primitiva interpretação dos fenômenos da natureza pela projeção do próprio ser na natureza, através portanto da animação das forças naturais, é a origem da poesia, coincidente com o início da civilização (1984:98).*

No segundo momento histórico em que ocorre o esclarecimento - o século das luzes - a razão emancipada quebra a harmonia “homem - natureza”, segundo Adorno e Horkheimer.

*A natureza não deve mais ser influenciada pela assimilação, mas deve ser dominada pelo trabalho.(...) Pertence ao sentido da obra de arte, da aparência estética, ser aquilo em que se converteu, na magia do primitivo, o novo e terrível: a manifestação do todo no particular (1985:32).*

Cabe ressaltar mais uma vez que Vico não via o homem, até mesmo o homem primitivo, na perspectiva do ser biológico, sujeito às leis da natureza. Ao contrário, o homem foi considerado em sua dimensão cultural, pelos seus usos e costumes, criando as suas próprias leis, de conteúdo exclusivamente social. Em oposição ao pensamento do século das luzes, Vico separou o homem e a natureza para que ambos sejam tomados em sua dimensão de ser para o outro, sem que jamais um seja colocado sobre o outro em grau de importância, pois, homem e natureza são a identidade objetiva do real. Recorremos mais uma vez às palavras de Martin Jay: “Ao insistir sobre a subjetividade do homem, [Vico] preservava a potencialidade e a subjetividade da natureza”(1974:416).

Vico deixou claro em sua **Ciência Nova** o fato de que a imaginação está para a poesia assim como a reflexão está para a filosofia. Ele não foi um filósofo da imaginação, ao contrário, tomou a percepção e a imaginação para assimilar o conteúdo das metáforas e entender a identidade entre o homem e a natureza expressa sob a forma do mito. Somente assim seria possível conhecer as realidades pré-reflexivas das quais se originou a ciência no esclarecimento. Porém, as condições necessárias por que tem que passar a humanidade, assim como o sujeito singular, para atingir o exercício pleno da razão devem ser preservadas.

*As interpretações da mitologia de Vico são exemplos modelares da tentativa de compreensão de conteúdos “espirituais” das condições sociais determinantes. Vico está muito afastado de querer compreender o processo da criação artística e religiosa como reformulação consciente ou mesmo propositada de uma dada realidade anteriormente não ideológica. (...) Entre o valor de expressão social das atividades criativas e a intenção individual que está na sua base, não existe qualquer harmonia preestabelecida. As obras ganham transparência apenas no decurso da história. (HORKHEIMER, 1984:104)*

O risco de uma nova barbárie expresso pelos autores da **Dialética do Esclarecimento**, logo em seu prefácio, seria o resultado dos desdobramentos do projeto da filosofia burguesa, sustentados pelo desencantamento do mundo produzido pela ciência moderna através da matematização do espaço. Colaborou também para a consolidação da nova ordem o processo de coisificação do espírito. O produto da nova ordem é o irracionalismo, o totalitarismo, o genocídio. Os autores da **Dialética do Esclarecimento** identificam essa situação de desencantamento e de coisificação como sendo o mito do esclarecimento, daí a afirmação: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento recai no mito”.

*O mundo como um gigantesco juízo analítico, o único sonho que restou de todos os sonhos da ciência, é da mesma espécie que o mito cósmico que associava a mudança da primavera e do outono ao rapto de Perséfone. (...) O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. (1985:39/40)*

Vico, em seu tempo, como dissemos no início, também temia uma nova barbárie, mesmo porque ele considerou a Idade Média como sendo a segunda barbárie da humanidade<sup>9</sup>. O domínio da história, “não como *res gestae*, mas de história *rerum gestarum*”<sup>10</sup> conduziu a reflexão filosófica de Vico, oferecendo-lhe os elementos para a elaboração da sua filosofia do espírito. Uma filosofia muito peculiar, voltada para a pré-história da razão, cujo produto é um apelo insistente contra o desencantamento do mundo, pois, sem poesia - entendida como força criativa - não haverá filosofia, entendida como reflexão também criativa.

Vico teve a oportunidade de notar os indícios do desencantamento do mundo, expressos por ele nos sucessivos trabalhos publicados ao longo da primeira metade do século XVIII; ele identificava o desencantamento com o esgotamento da cultura do seu tempo, devido a aridez dos juízos

---

<sup>9</sup> Nas palavras de Horkheimer: “A teoria da repetição de Vico revela-se uma mera fé no retorno das coisas humanas. Mas temos que dar-lhe razão pelo menos no que respeita ao fato de a possibilidade de recaída na barbárie nunca se encontrar totalmente excluída. Podem acontecer catástrofes exteriores, mas também outras, provocadas pelos próprios homens.” (1984:107) Não se trata, a meu ver, de uma “teoria da repetição”, pois para Vico a história é progresso e não se repete. Trata-se de uma teoria cíclica da história, mas não dos fatos ou “coisas humanas” e sim da substância dos fatos e coisas humanas, que apontam para situações de barbárie e que nunca serão iguais à primeira barbárie, pois ela, segundo Vico, foi benevolente ao gênero humano proporcionando-lhe o seu nascimento, ao passo que as novas formas de barbárie não possuem mais a mesma benevolência.

<sup>10</sup> Recordamos aqui o belo trabalho de Adam Schaff (1987) no sentido de aproximar a história e a filosofia, na tentativa de romper com a orientação positivista dos estudos históricos.

analíticos, posição essa muito próxima do texto do “Conceito de Esclarecimento” e também do Excurso I - “Ulisses ou Mito e Esclarecimento” contidos no livro **Dialética do Esclarecimento**.

Concluimos registrando uma diferença significativa entre Vico e Horkheimer. O temor da recorrência da barbárie não revela uma forma de pessimismo da filosofia viquiana, ao passo que a *Teoria Crítica* de Horkheimer não esconde o seu pessimismo - influência essa do pessimismo metafísico de Schopenhauer. Embora sempre muito crítico em relação à cultura do século das luzes, Vico foi otimista, porque para ele a história é progresso e, portanto, a barbárie por mais temida que seja é sempre a oportunidade de regeneração do homem, pois os tempos bárbaros são o prenúncio de um novo ciclo de humanização.

*Quando a filosofia da história continua a alimentar a idéia de um sentido nebuloso, mas independente e aparentemente arbitrário da história, que se tenta reproduzir em esquemas, construções lógicas e sistemas, é de se contrapor que existe tanto sentido e razão à face do mundo, quanto os homens nele realizarem. Se o que interessa é encontrar regras na história, cujo conhecimento pode servir de meio a uma tal realização, então Vico, este antigo filósofo da história<sup>11</sup>, “intérprete dos sentidos”, foi com certeza um espírito revolucionário. (1984:107-108)*

<sup>11</sup> Note-se a sutileza da observação feita por Horkheimer: “este antigo filósofo da história”. Antigo porque profundo conhecedor das idades míticas; porque desprezado pelos modernos, seus contemporâneos, que estavam empenhados em conhecer a natureza para simplesmente dominá-la.

## Referências bibliográficas

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**, fragmentos filosóficos (1947). Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. Conceito de Iluminismo. In: **Textos escolhidos**. Trad. Z. Loparic e A.M.A. de C. Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p.3-30. (Coleção Os Pensadores).

BANFI, A. La poesia en Vico. In: **Filosofia del arte**. Trad. Antonio-P. Moya. Barcelona: Ediciones Península. p. 184-186.

CROCE, B. **La filosofia di G.B. Vico**. 4.ed. Bari: Laterza, 1980.

GUIDO, H. A. de O. O problema da linguagem na passagem da filosofia humanista para a filosofia moderna. In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia: Editora da UFU. n. 21-22. jan./jun. - jul./dez. 1997. p.225-244.

HORKHEIMER, M. Vico e a Mitologia (1930). In: **Origens da filosofia burguesa da história**. Trad. Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

JAY, M. **La imaginacion dialetica**. Trad. Juan C. Curutchet. Madri: Taurus, 1974.

MONDOLFO, R. **Il 'verum-factum' prima da Vico**. Nápoles: Guida, 1969.

RISÉRIO, A. A via Vico. In: **Revista da USP: Dossiê Nova História**. São Paulo: Edusp. n. 23. set./out./nov. 1994. p.34-47.

VICO, G. **Principj di Scienza Nuova** (1744). Introdução e notas de Paolo Rossi. 3.ed. Milão: Rizzoli, 1988.

\_\_\_\_\_. **De nostri temporis studiorum ratione**. Trad. F. Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.